

MIGRAÇÃO CIENTÍFICA

“Alguém que em tempos me viu com uma pipeta na mão”... Assim foi como começou um pedido para atestar o entusiasmo, a motivação e as capacidades para desempenhar tarefas experimentais, analisar, interpretar e discutir os resultados que tinham sido objecto de ensino/aprendizagem numa das disciplinas optativas de licenciatura...Assim surgiu a declaração para juntar a outros impressos justificativos da aptidão para iniciar a etapa de investigação pós-graduada conducente a doutoramento noutras paragens, ao mesmo tempo que treina e aprende uma especialidade médica.

A falta de interligação na organização dos sistemas é a razão influente na opção de inscrição num programa de doutoramento em universidades estrangeiras. Esta escolha está de acordo com os resultados apresentados pela Universidade de Lisboa¹ em que os recém diplomados em Medicina que participaram no inquérito, que abrangeu os anos de 1999 a 2003, inclusive, se encontravam todos a realizar o doutoramento noutros países. No entanto, o mesmo estudo demonstrou que a licenciatura de Medicina é aquela que mais se adequa às expectativas iniciais dos inquiridos¹. Será que os anos preparatórios para a entrada na especialidade mereceram igual satisfação? Será que o novo sistema a terá? É conhecido o desagrado geral com a valorização curricular dada à epígrafe dos trabalhos efectuados no domínio da investigação científica que é seguida nos concursos da área da saúde. O gosto pela simbiose da definição de objectivos e de metodologias tem bafejado alguns em todas as épocas, como por exemplo, a preferência desta ou daquela faculdade (relembre-se...) por ser a que mais se adequa ao perfil de quem gosta de alcançar o melhor.

A qualidade deveria impregnar todos os tecidos sociais envolventes do Homem e, em consequência, tornar-se-ia factor determinante e primordial na liberdade do acesso ao conhecimento a que todos têm direito.

O gosto e a prática da qualidade deveria ser universal ao ser humano, e tão natural como o acto de respirar, o que faria com que a opção de partir ou de ficar dependesse apenas e só apenas da vontade própria de estar com, de trabalhar com, e sobre aquela questão escolhida de entre tantas que lhe ficaram a remoer. Assim talvez estivéssemos incluídos no

grupo de países “abençoados” que Maria Beatriz Rocha-Trindade dizia serem capazes “to identify talent hidden within its own people, nourish it and project it with pride to the outside world”².

Acontece, que houve e há assimetrias de apreciação entre os “highly skilled individuals”, que ficaram e os que migraram, perpassando pelos “estrangeirados” dos anos 60 e 70 do século XX (0,4% do fluxo total), para os actuais hiper-valorizados. Apesar da existência de múltiplos factores nacionais que afectam o retorno à terra mãe, e de toda uma panóplia de oportunidades e de atractivos de condições de estadias apelativas de idas para outros países, ele verifica-se.^{3,4}

Pareceria que o fenómeno da migração dos cientistas com ganhos de inovação tecnológica e de conhecimento globais manteria o saldo positivo adquirido no virar do século. Mas, o número de jovens que optam pelo ensino superior das ciências tem decrescido (apesar dos programas Erasmus e Sócrates), a par da recessão económica nos países da União Europeia e da maior transferência de cérebros para os Estados Unidos.

O fenómeno da migração de cientistas na União Europeia (UE) apresenta pesos diferentes nas componentes de emigração e imigração conforme os países, e é desconhecida da opinião pública muito mais envolvida em saber se os seus problemas de saúde (ou falta dela) estão resolvidos⁵. É muito interessante verificar que os cidadãos de 25 países da EU, quando interrogados sobre que área do saber que reconhecem como científica respondem ser a Medicina⁵. Os entrevistados estavam optimistas em relação à aplicação do progresso científico e tecnológico para as áreas dos projectos sobre o cancro e a SIDA, opinião que se mantém relativamente aos dados anteriormente publicados pela Comissão Europeia. Os resultados desta última sondagem mostraram que um maior número de estados membros parecem estar culturalmente mais informados e sensíveis à necessidade de aplicação de um maior investimento na investigação e inovação

Juntamo-nos ao optimismo, confiantes nas nossas capacidades e, como estamos no fim do ano de 2005, estes são os votos da SPHM

*Carlota Saldanha
Presidente da SPHM*

Referências

1. Trajectórias Académicas e de Inserção Profissional dos Licenciados 1999-2003. Universidade de Lisboa, Out. 2005.
2. Rocha-Trindade M.B. – Intellectuals and artists of the portuguese diaspora: the emergence of talent. <http://www.esse-jdeus.edu.pt>.
3. Findlay A. – Brain drain: the second wave, paper presented at the Conference “Strangers and Citizens: Challenges for European Governance, Identity, Citizenship”, University of Dundee, March 2001.
4. Peixoto, J. – Migration and policies in the European Union: highly skilled mobility, free movement of labour and recognition of diplomas, *International Migration* 2001;39:33-61
5. Double Eurobarometer Survey Citizens, science and technology. RTDinfo Magazine on European Research, Nov. 2005.